

Géneros de texto: noção teórica e ferramenta didática

Maria Antónia Coutinho

acoutinho@fcsh.unl.pt



Plano



- A noção de géneros de texto
 - ▣ fundamentos, tradição e atualidade
 - ▣ géneros de texto vs tipos de texto
 - ▣ géneros e modos
- Os géneros como ferramenta didática
 - ▣ géneros e objetivos de aprendizagem
 - ▣ géneros e *modelos didáticos de género*
 - ▣ dimensões a ser trabalhadas



Géneros de texto: a noção teórica

Gêneros retóricos ou oratórios (*Retórica*, Aristóteles)

- Correspondiam às três situações em que se impunha o recurso à arte retórica
- são fundamentalmente identificados em função do papel que cabe ao ouvinte

GÊNEROS RETÓRICOS		
Deliberativo	Judicial	Epidíctico
O ouvinte – por exemplo, o membro da assembleia - deve pronunciar-se sobre algo a acontecer no futuro	O ouvinte – o juiz – deve pronunciar-se sobre actos já realizados no passado	O ouvinte – um espectador – tem apenas que apreciar o talento do orador, no presente
O orador aconselha/desaconselha, tendo como objectivo o útil e o prejudicial	O orador acusa/defende, tendo como objectivo o justo e o injusto	O orador louva/acusa, tendo como objectivo o belo e o feio

Cf. BARTHES 1970:210, PLETT 1981:143-144; ROUSSIN 1995:142-143; GARDES-TAMINE 1996:63;

Géneros literários



□ **A tríade genérica**

■ na senda de Platão e Aristóteles (*Poética*), por um lado, Goethe e Hegel, por outro (entre outros) :

- Epopeia – ou **género épico** (ou narrativo);
- Poesia lírica – ou **género lírico**;
- Poesia dramática – ou **género dramático**

○ contributo de Voloshinov

"Ainsi, chacun de ces types de communication sociale que nous avons cités organise, construit et achève, de façon spécifique, la forme grammaticale et stylistique de l'énoncé ainsi que la structure du type dont il relève: nous la désignerons désormais sous le terme de *genre*."

Voloshinov, [1930]1981: 290

"Le genre quotidien est un élément du milieu social: qu'il s'agisse de la fête, des loisirs, des relations de salon, d'atelier, etc. Il coïncide avec ce milieu, il s'y trouve limité et il est aussi déterminé par lui en tous ses composants internes."

Voloshinov, [1930]1981: 290

Gêneros de texto - elementos de (re)definição)

- Entendidos como dispositivos socialmente reconhecidas e aceites para as diferentes situações de comunicação
- Elaborados pela atividade de gerações precedentes e sincronicamente disponíveis como modelos mais ou menos estabilizados (numa determinada época e numa determinada cultura) de que dispõem, de forma mais ou menos controlada, os agentes de produção e de interpretação dos textos.
- Implicam **fatores de adequação contextual e regularidades de organização textual.**

Géneros de texto - elementos de (re)definição)

- Classes de texto, identificáveis por características (contextuais e organizacionais) e reconhecíveis através das designações usuais nos diferentes domínios de atividade social;
 - Noção global, que engloba e recupera tanto a tradição dos *géneros literários* como a dos *géneros retóricos* ou *oratórios*.
 - A não confundir com *tipo de texto*...

“(...) Todo o texto se integra num tipo ou num género textuais – relatório, crónica, notícia, artigo científico, discurso político, conto, poema épico, tragédia, etc. – (...)”

Plano de texto, DT

Géneros de texto / tipos de texto

Géneros de texto

- dão conta das classes de textos que circulam em sociedade (e das designações que as referem)
- não são resultado de tipologização

Tipos de texto

- resultam do esforço de classificação sistemática, isto é, de tipologização

O ponto de vista de J.-M. Adam

“As proposições teóricas relativas aos (protó)tipos sequenciais narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal (Adam 2001 a) talvez tenham levado a acreditar que todo texto era exclusivamente regrado por esses ordenamentos de seqüências. Os textos são, de facto, estruturados de maneira muito flexível, e a importância dos planos de texto fixos ou ocasionais é preponderante. Na medida em que os agrupamentos de proposições não correspondem sempre a proposições completas, podemos dizer que **o principal fator unificador da estrutura composicional é o plano de texto.**”

Adam, 2008:256, sublinhado meu

Exemplos (d)e derivas

- *Género romance*

- Tipo narrativo...

- mas também descritivo, dialogal, talvez argumentativo...

- tipo (predominantemente) narrativo

- género narrativo ??????????

- *Género discurso político*

- Tipo argumentativo...

- mas também narrativo...

- tipo (predominantemente) argumentativo

- género argumentativo ??????????

Gêneros e Modos de enunciação (ou atitudes de locução) – Genette, 1986

Chez Platon, et encore chez Aristote, nous l'avons vu, la division fondamentale avait un statut bien déterminé, puisqu'elle portait explicitement sur le *mode d'énonciation* des textes. Dans la mesure où ils étaient pris en considération (fort peu chez Platon, davantage chez Aristote), **les genres proprement dits venaient se répartir entre les modes en tant qu'ils relevaient de telle ou telle attitude d'énonciation**: le dithyrambe, de la narration pure, l'épopée de la narration mixte, la tragédie et la comédie de l'imitation dramatique.

Genette, 1986: 66 (destaque meu)

Em Platão, e ainda mais em Aristóteles, como vimos, a divisão fundamental tinha um estatuto bem determinado, uma vez que incidia explicitamente sobre o *modo de enunciação* dos textos. Na medida em que eram tidos em conta (muito pouco em Platão, mais em Aristóteles), **os gêneros propriamente ditos repartiam-se por modos, na medida em que decorriam desta ou daquela atitude de enunciação**: o ditirambo, da narração pura, a epopeia da narração mista, a tragédia e a comédia da imitação dramática.

Traduzido de Genette, 1986: 75-76 (destaque meu)

Gêneros/Modos de enunciação (ou atitudes de locução) – Genette, 1986

(...) il n'y a pas d'archigenres qui échapperaient totalement à l'historicité *tout en conservant une définition générique*. **Il y a des modes, exemple: le récit; il y a des genres, exemple:** le roman; la relation des genres aux modes est complexe, et sans doute n'est-elle pas, comme le suggère Aristote, de simple inclusion.

Genette, 1986: 75-76 (sublinhado meu)

(...) não há arquigêneros que escapem totalmente à historicidade conservando ao mesmo tempo uma definição genérica. **Há modos, exemplo: a narrativa; há gêneros, exemplo: o romance;** a relação entre gêneros e modos é complexa e não é certamente de simples inclusão, como sugere Aristóteles.

Traduzido de Genette, 1986: 75-76 (sublinhado meu)

Opção metodológica descendente

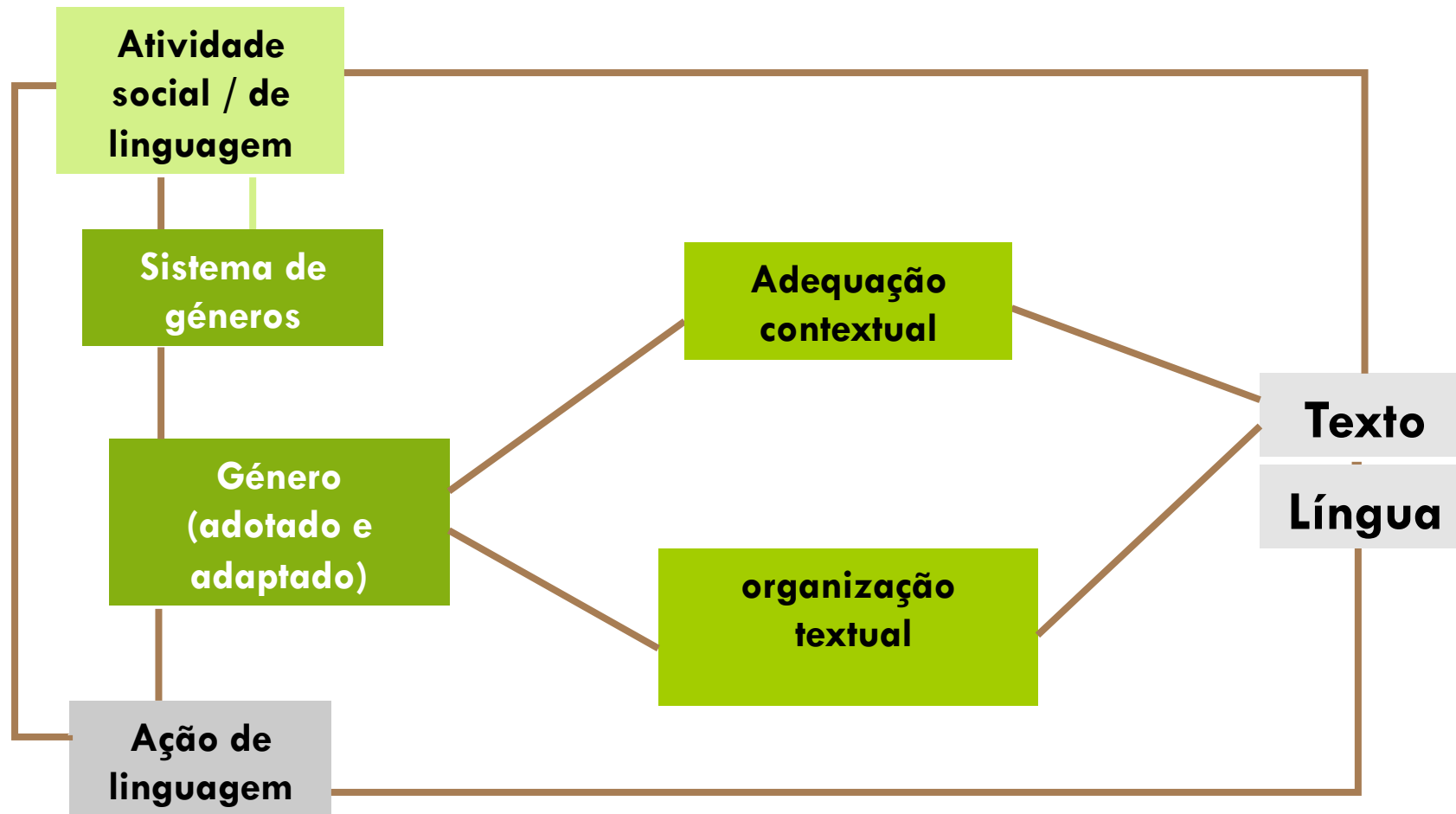
(no quadro do interacionismo social → ISD)

[...] l'ordre méthodologique pour l'étude de la langue doit être le suivant :

1. Les formes et les types d'interaction verbale en liaison avec les conditions concrètes où celles-ci se réalisent.
2. Les formes des énonciations distinctes, des actes de parole isolés, en liaison étroite avec l'interaction dont ils constituent les éléments, c'est-à-dire les catégories d'actes de parole dans la vie et dans la création idéologique qui se prêtent à une détermination par l'interaction verbale.
3. A partir de là, l'examen des formes de la langue dans leur interprétation linguistique habituelle.

Volochinov ([1929]1977 : 137)

Visão global



Para uma definição de *gêneros de texto*

- Os gêneros são entendidos como formatos textuais socialmente reconhecidas e aceites para as diferentes situações de comunicação, formatos esses elaborados pela atividade de gerações precedentes e sincronicamente disponíveis, em termos de *arquitexto*, como modelos mais ou menos estabilizados (numa determinada época e numa determinada cultura) de que dispõem, de forma mais ou menos controlada, os agentes de produção e de interpretação dos textos.
- A noção de género implica **fatores de adequação contextual e regularidades de organização textual**.

A maior ou menor familiaridade com um determinado género – isto é, com as regularidades situacionais, funcionais e organizacionais que lhe estão associadas – funcionará como fator facilitador, tanto na perspetiva da produção como na da interpretação.



O género como ferramenta didática

Necessidade imperiosa de transposição didática

Modelos didáticos de género (MDG)

- O lugar dos géneros na escola
 - os alunos não são jornalistas nem escritores nem....
 - MAS
 - é fundamental que a escola lhes faculte a apropriação diferenciada de diferentes géneros (formais) em diferentes contextos de atividade
- Modelo didático de género: uma 'reconstrução' que selecione e identifique (as) **dimensões ensináveis** do género em causa

Géneros e objetivos de aprendizagem



- Que géneros utilizar - e como utilizá-los - para trabalhar
 - a oralidade
 - a leitura
 - a escrita
 - a educação literária
 - a gramática

MDG – Fatores de adequação contextual

□ Contexto físico e contexto sociosubjetivo

- Em que espaço e tempo acontece a comunicação?
(necessidade provável de distinguir produção e circulação dos textos)
- quem comunica (quem fala/escreve)? com que papel (socio-subjetivo)?
- para quem se fala/escreve? com que papel(eis) (socio-subjetivos)?
- com que finalidade(s) se fala/escreve? finalidade(s) explícita(s)? tácita(s)?

MDG – Regularidades de organização textual

- Planos de texto (organização - ou espacialização - dos conteúdos)
 - Critérios para estabelecer/reconhecer um plano de texto
 - Organização temática e organização disposicional
 - Natureza retórica - disposição "linear" mas fortemente estruturada
 - Espacialização e multimodalidade
 - Planos fixos e planos adaptados
- Mecanismos de textualização
 - Articulação entre partes do texto
 - papel da pontuação, dos marcadores discursivos, etc.
 - coesão nominal
- Mecanismos de enunciação
 - Quem fala? Quem é suposto falar (e como é suposto falar) num texto do género X, Y ou Z?
 - Como se faz ouvir / se identifica ou se reconhece essa 'voz'?
 - Como se fazem ouvir / se identificam ou se reconhecem as diferentes 'vozes' que falam no texto?

Perspetivas

- **Observação** de textos - exemplares concretos do(s) género(s) em foco
- **Descrição** de características dos textos observados (cf. Miranda, 2010)



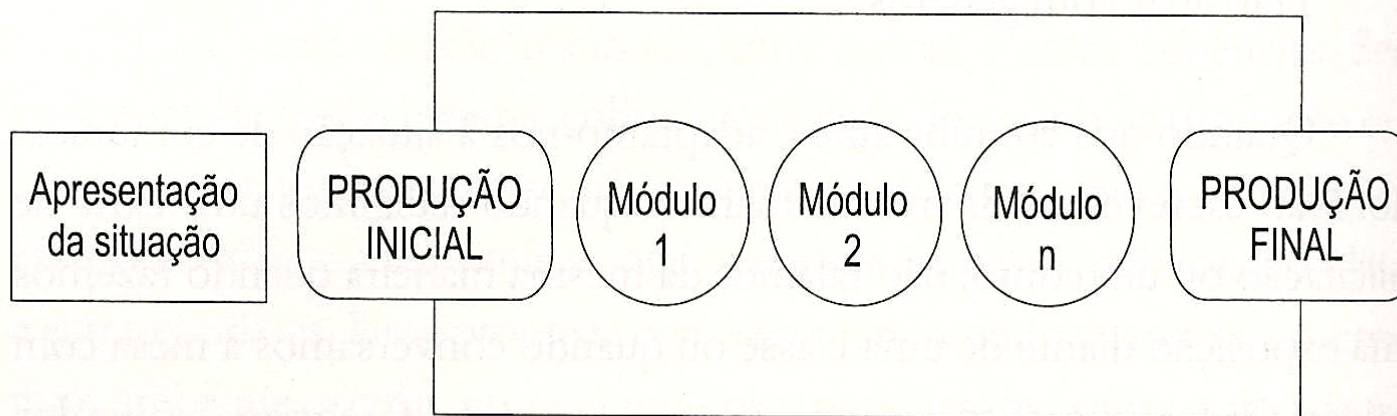
Apropriação (interiorização) do género que está a ser trabalhado (do ponto de vista da oralidade / da escrita / da leitura / da educação literária /



Necessidade de **(re)conhecimento tão explícito quanto possível do género a ser trabalhado na escrita**, a funcionar como modelo (mais ou menos interiorizado)

Gênero como recurso para trabalhar a produção (oral e escrita)

ESQUEMA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA



Esquema retirado de Dolz, J., M. Noverraz & B. Scheneuwly. 2004: 95-128 (versão francesa disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n11/n11a02.pdf>)

Dos géneros à gramática

- Sistematização gramatical
 - necessidade de trabalho especificamente orientado para esse fim (isto é, diretamente centrado sobre aspetos da estrutura e do funcionamento da língua)
- Oralidade, leitura, escrita e educação literária
 - podem ser ocasião de aprofundamento ou de consolidação de conteúdos gramaticais desde que estes não sejam preferencialmente tratados a propósito da ocorrência em textos
- **O trabalho com géneros de texto - em termos de oralidade / de leitura / de escrita / de educação literária - não poderá dispensar o recurso (consciente) a questões de gramática (ou de conhecimento explícito da língua)**

Alguns exemplos

- Coutinho, M. A; Jorge, N.; Tanto, C. (2012). Para um modelo didático do conto policial. *Calidoscópio* 10, 1: 24 – 32. doi: [10.4013/cld.2012.101.03](https://doi.org/10.4013/cld.2012.101.03).
- Coutinho, A.; Leal, A.; Tanto, C.; Cunha, L.; Jorge, N. (2012). Géneros de texto e ensino da escrita. In *Reflexão sobre a escrita. O ensino de diferentes géneros de textos*, ed. L. A. Pereira & I. Cardoso, 183 - 200. ISBN: 978-972-789. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Cunha, L.; Jorge, N. (2011). A ‘discussão oral’: proposta de sequência didática. In *Novos Desafios no Ensino do Português*, ed. Teixeira, M., Silva, I. & L. Santos, 152 - 165. ISBN: 978-972-9434-04-4. Santarém: Escola Superior de Educação de Santarém (disponível em <http://hdl.handle.net/10400.15/689>).

Referências bibliográficas

- Adam, J.-M. (2004) Plano de texto. In P. Charaudeau & D. Maingueneau (eds.). *Dicionário de Análise do Discurso* (pp. 377-378). São Paulo : Editora Contexto (edição original: 2002, Paris : Seuil)
- Adam, J.-M. (2008). *A linguística textual*. São Paulo: Cortez Editora
- Costa, J. & e Silva, V. M. A. e (orgs.) (2011). Dicionário Terminológico. URL: <http://dt.dgidc.min-edu.pt>.
- Coutinho, M. A. (2011). Macroestruturas e microestruturas textuais. In Duarte, I. & O. Figueiredo (orgs.). *Português, língua e ensino*. Porto: U. Porto Editorial, pp. 189-220. ISBN 978-989-8265-72-2.
- Coutinho, M. A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCG-FCT. ISBN: 972-31-0979-4.
- Dolz, Joaquim & Bernard Schneuwly (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- Genette, G. (1986). Introduction à l'architexte. In Genette et. al. *Théorie des genres*. Paris: Seuil, 89-159.
- Miranda, Florencia (2010). *Textos e gêneros em diálogo – uma abordagem linguística da intertextualização*. FCG-FCT.
- Voloshinov, V. N. [1929]1977. *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit.
- Voloshinov, V. N. [1930]1981. La structure de l'énoncé. In: Todorov, Tzvetan. *Mikhaïl Bakhtine le principe dialogique*. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 287-316.